CASUÍSTICA SOBRE LUTO E DESENVOLVIMENTO NA ADOLESCÊNCIA: A RELAÇÃO DE AMBOS COM O DESEMPENHO ESCOLAR DO DISCENTE

Joana Cândida Pinheiro L. de Mello, Paulo Henrique Fernandes Marinho

Resumo: Este estudo tem como base a discussão teórica e relato de caso sobre a influência do processo de luto no desempenho pedagógico de um discente em uma Instituição Privada de Educação Básica. Fazem-se presentes aqui discussões sobre o processo de formação do luto, luto antecipado, a adolescência enquanto fenômeno constituinte no processo de desenvolvimento ciclo vital do ser humano, bem como aspectos relacionados ao contexto escolar e familiar do estudante enquanto agente inserido no contexto escolar e objeto de estudo desta produção científica.

Palavras-chave: Psicologia Escolar, Psicopedagogia, Luto, Luto Antecipado, Educação Básica, Família, Escola.

***Abstract**: This study is based on theoretical discussion and case report on the influence of the mourning process in the educational performance of a student in a Private Institution of Basic Education. They are present in this study discussions on the formation process of grief, anticipatory grief, adolescence as a constituent phenomenon in the development process life cycle of the human being, as well as aspects related to the school and family context of the student as an agent entered in the school context and object study of this scientific production.*

***Keywords:** School Psychology, Educational Psychology, Grief, Early Grief, Basic Education, Family, School.*

Introdução

Nas primeiras décadas do século XX, com o advento da prática Psicológica nas organizações, surge a Psicologia Escolar como alternativa de intervenção nas instituições Educacionais. Segundo Antunes, 2008 é possível afirmar que, historicamente no Brasil, a Psicologia Escolar vem conquistando tal autonomia a ponto de Psicologia e Educação considerarem-se mutuamente constituintes uma da outra.

A prática psicológica no ambiente da escola, que outrora se desenvolvia de maneira unilateral e isolada a cada caso, com o passar dos anos adquire uma perspectiva global e holística, onde a identidade do objeto de intervenção é retirada do aluno e transformada em uma matriz que envolveria a instituição de educação em sua totalidade, dividindo responsabilidades e considerando os agentes escolares como peças do processo pedagógico que teria como produto final a formação do discente ou seu fracasso escolar.

Sob essa perspectiva o Psicólogo Educacional passa a agir interventivamente não mais de maneira unilateral, mas considerando aspectos tangenciais que possam influenciar na manifestação de fenômenos depressores ou não à jornada escolar. Consequentemente a este contexto, têm-se a modificação de discursos cristalizados na instituição que, ora

equivocadamente, tratavam o discente como sujeito acumulador incondicional de todas as causas de suas eventuais dificuldades. Neste novo cenário, os discursos são modificados e como resultado, há a consideração e discussão de novas situações que outrora não eram clarificadas, contribuindo assim para a desalienação de conclusões equivocadas.

Este artigo científico é resultado de procedimentos interventivos tendo como objetivo *apriori* considerar aspectos tangenciais à vida escolar que influenciam no bom rendimento do discente, como questões familiares e sociais. O processo de luto será o principal fenômeno abordado neste estudo, bem como o desenvolvimento na adolescência e a relação de ambos com o rendimento escolar de um discente da Educação Básica. Por se tratar de um estudo de caso, daremos o nome fictício de Yuri ao sujeito desta intervenção.

Desenvolvimento e adolescência

Segundo MAHONEY, ALMEIDA *et. al.*, 2006 as transformações enfrentadas pelos adolescentes perpassam pela estrutura física, morfológica, biológica, fisiológica e emocional, sendo esta última a mais evidenciada, isso porque a construção da pessoa, de sua identidade vai ocupar o primeiro plano, quase como um movimento monopolizador das ações dos jovens. A adolescência significa transitar entre ser criança e a ser adulto. Essa fase de transição requer algumas mudanças árduas, e quase todos os sintomas dessas mudanças são vivenciados nesse breve momento. Nessa fase a vida afetiva tornar-se muito intensa e toma uma relevância que surpreende o adulto. Uma das características mais marcantes é a ambivalência de atitudes e sentimentos, resultado da riqueza da vida afetiva e imaginativa que traduz o desequilíbrio interior: alternam neles o desejo de oposição e conformismo, posse e sacrifício, renúncia e aventura.

O estudante foco deste estudo encontra-se nesta fase de transição, algumas de suas sensações são traduzidas por estar passando por estas transformações potencializadas por eventos ligados ao atual contexto de sua história familiar. Nesse momento em que muitas angústias e dúvidas são levantadas, Yuri sentia certa dificuldade de se organizar e atender suas próprias expectativas e as de sua família, especialmente por ter medo de desapontar sua mãe, uma vez fragilizada pelos sintomas da doença e assombrados com o fantasma da morte que, na ocasião, rondava a família.

Segundo Mahoney, Almeida *et. tal.*, 2006 na adolescência a capacidade de representar mentalmente uma pessoa, uma cena ou uma situação, amplia-se de tal modo que o limite entre o real e o imaginário torna-se frágil. Despertam o interesse pelo desconhecido e a novidade, pois estes atendem melhor suas necessidades que os dados da realidade. Esse exercício de imaginação e fantasia servirá de trampolim aos progressos intelectuais ou a remeter situações que ainda não foram superadas e por vez reaparece como um fantasma assustando e confundido seus sentimentos e pensamentos.

Para que haja a possibilidade de estabelecer uma conexão coerente entre o fenômeno do luto, suas variáveis e o desempenho escolar do discente se faz relevante que traçarmos algumas considerações acerca de tal fenômeno.

O processo do luto: do indivíduo à família

De acordo com Giacomin, Santos e Firmo, 2013 a morte é conhecida na história, como um evento social próprio da humanidade e compreendida em cada cultura, como um universo de símbolos e significados que permite os sujeitos de um grupo interpretar suas experiências e guiar suas ações. A morte permanece o principal tema tabu na cultura ocidental envolvendo dois processos: um intrapsíquico de negação e outro relacional de fechamento e solidão, que impede pessoas de comunicar o que pensam para não incomodar a família e os outros. Atualmente, a simbologia que envolve a experiência da aproximação da morte pela pessoa que vai morrer e pelos seus próximos encontra-se diluída e submetida ao extremo domínio tecnológico nas diferentes etapas do processo. Essa aversão à morte e ao sofrimento, além de negligenciar a pessoa e a família enlutadas, compromete seu acompanhamento frente a perdas antecipadas ou efetivas, que requeiram um luto que reconheça a desistência e transforme essa experiência, internalizando o essencial para seguir adiante.

Domingos e Maluf, 2003 afirmam que no que se refere à questão do desenvolvimento, a relação do adolescente com a morte e suas reações à perda de um ente querido são peculiares, especialmente pela fase em que ele se encontra, onde a construção da identidade é a tarefa central. Entretanto, o fato de que a aquisição da individualidade pode, nas primeiras fases da adolescência, evocar a percepção de si mesmo como um ser solitário, fazendo com que o jovem sinta-se mais vulnerável à morte, tanto própria quanto de alguém significativo é comum e previsível. O ônus resultante das tarefas de desenvolvimento que se impõem na adolescência, tais como a superação emocional, domínio, intimidade e ambivalência em relação aos pais também contribuem para a elaboração de tal sentimento. É importante também citar as perdas enfrentadas pelo adolescente, das quais se destacam as perdas do corpo infantil associadas às transformações corporais e fisiológicas correspondentes, a perda dos pais da infância e da identidade e do papel infantil. Efetivamente, o confronto com a morte na adolescência pode exaurir as limitadas estruturas defensivas inerentes a essa fase de desenvolvimento, precipitando respostas radicais.

Para Bowlby, 1997 entre os fatores que influenciam o luto dos adolescentes e crianças, destaca-se o conhecimento que eles têm das causas e circunstâncias da perda, especialmente o que lhes é dito sobre a perda e as oportunidades que têm de compartilhá-la, além dos padrões de relacionamento familiar anterior e a mudança desses padrões. A reestruturação do sistema familiar em consequência da perda, nos casos em que o objeto é um dos pais, influencia comumente na formação do processo de luto por parte do sujeito que vivencia tal situação.

Segundo Domingos e Maluf, 2003 a perda de um dos pais na adolescência pode comprometer o processo de aquisição da independência e da autonomia adulta pelo jovem. Qualquer perda é acompanhada por uma constelação de perdas secundárias, isto é, subsequentes à perda inicial. Nesse caso, emergem privações de natureza física e/ou psicossocial, impostas à pessoa enlutada, uma vez que deixam de existir as gratificações anteriormente providenciadas pelo morto no desempenho de seus múltiplos papéis. Cada uma dessas privações (entendidas como perdas) impõe seu próprio luto, sendo que ocasionalmente é mais difícil lidar com esses lutos do que com o luto referente à perda do ente querido.

O luto antecipado

É sabido que todo individuo está imbricado no conceito de perda, pois, ao longo de sua existência, estes e suas famílias passaram, passam ou passarão por perdas naturais, aquelas inerentes a seu processo de desenvolvimento. O luto classifica-se como um tema instigante em nosso momento atual, vez que as perdas assumem uma posição cada vez mais comum e próxima. No ambiente da escola ainda é um assunto velado, vivido somente na intimidade das famílias. Pouco se percebe ou poucos cuidados são observados com os alunos nessa condição. Considerando este paradoxo que vivemos em relação à morte, algumas pesquisas apontam para a relação direta entre o processo de adoecimento físico e psíquico, indicando a relevância do trabalho adequado com o luto no campo da saúde mental. Para Bowlby, 1997 o luto é uma resposta ao rompimento de um vínculo significativo para o individuo e o processo pode ser eliciado em decorrência de morte, afastamento, perda de capacidades físicas ou psicológicas, perda do ambiente conhecido, experiências que envolvem mudanças e que exigem da pessoa uma reorganização interna ou externa, promovendo novas formas de lidar com as situações que se apresentam. Desta forma, têm-se o fenômeno do luto como resultante do afastamento ou perda em diversas situações vitais do sujeito, não se restringindo somente à situação de morte.

O drama vivido pela família descrita neste estudo, não é tão incomum, outras muitas passam diariamente pelos mesmos dilemas e conflitos. A genitora do estudante se apresenta como importante figura para o equilíbrio desta família, por isso acredita-se que o abalo gerado fora de proporção significante. Meio a corrida por um diagnóstico seguro, profissionais onerosos e com agendas lotadas, a família viveu um suspense de quase seis meses, sem poder fazer muitos planos e desfazendo outros já dentro da organização familiar. Consultas caras, exames com tempo de resultado superior a trinta dias, sintomas cada vez mais frequentes e evidentes causaram desgaste sobremaneira refletido nos comportamentos de todos os agentes familiares. O processo vivido pela mãe e sua família entre o período de diagnóstico, evolução da doença e a progressiva ameaça de perda denomina-se por Fonseca, 2004 de Luto Antecipatório.

A antecipação da perda de um familiar em função de uma doença física pode ser tão dolorosa e perturbadora para os membros da família como a morte propriamente dita. Percebe-se nos relatos o desapontamento inicial na busca pelo diagnóstico, as dificuldades inerentes a pouca oferta de especialistas na área, que intensificavam ainda mais a angústia daquele momento. O sofrimento do casal passa a ser imensurável, sem saberem realmente o que estava acontecendo, pois a ansiedade e as dificuldades emocionais vividas embotavam seus pensamentos, dificultando a compreensão e de como levaria tudo isso aos seus filhos. De acordo com o discurso da genitora, sua intenção era protegê-los, de poupa-los desse evento tão doloroso e desagradável. Entretanto foi chegando um momento em que não se podia mais esconder a realidade; assim a família teve a possibilidade de sofrer reunida, preparando-se para enfrentar as dificuldades que estariam por vir, como: o sombrio período do tratamento medicamentoso, a vivência da progressão da doença e a rotina sem as atividades desenvolvidas pela mãe ou a não participação dela nos eventos sociais e festividades da família.

Segundo Fonseca, 2004 o luto antecipatório é um fenômeno adaptativo no qual é possível, tanto o sujeito quanto os familiares prepararem-se cognitiva e emocionalmente para o acontecimento próximo, que é a morte. Esta situação por si só causa um desequilíbrio, tanto no sistema familiar, como em cada pessoa individualmente. Percebemos ainda com mais contundência a complexidade do caso no momento em que são referidos os

sentimentos de perda vividos pelos membros da família, a tristeza vivida em função das perdas que já se apresentam e o lidar com as dificuldades emocionais do membro que está adoecido. Muito embora a família sofra um impacto devastador pela doença de um dos seus entes queridos, necessita ainda manter o equilíbrio para poder assegurar o cumprimento das tarefas e das necessidades do membro doente. É a percepção da importância da redistribuição dos papeis e responsabilidades; a partir daí, dar-se a adaptação à ausência futura e às perdas a serem enfrentadas.

Desta forma, de acordo com Osório e Pascoal do Valle, 2009 as perdas podem acontecer em qualquer etapa do ciclo da vida familiar, afetando a todos os integrantes da família, cada um à sua maneira, sendo que nem sempre há consonância entre os processos de luto vividos pelos membros individualmente. Cada elemento da família pode apresentar as fases e as manifestações do luto em tempos diferentes, podendo haver sobreposição das mesmas em um mesmo indivíduo ou em outros entes. É importante reconhecer e respeitar as reações naturais às perdas presentes no processo de luto, muitas vezes classificadas como sintomas, tais como choque ou torpor, medo, raiva, ansiedade, psicossomatização, insônia, falta de concentração, atenção ou memória, falta de apetite, tristeza profunda, pensamento intrusivos, sensação de presença da pessoa, entre outros, que podem aparecer sobrepostos simultaneamente ou em curto intervalo de tempo. Essas reações podem ser vistas em mais de um integrante da família, em maior ou menor intensidade.

De acordo com tal descrição podemos afirmar que alguns destes sintomas são apresentados na família objeto deste estudo. O pai ainda apresentou questões não muito bem elaboradas com algumas perdas significantes no decorrer de sua história; Yuri, diante do adoecimento da mãe, se retrai em culpa, apresentando comportamento sabotador com suas obrigações escolares, queixa-se que não consegue compreender os conteúdos, demanda extrema atenção dos professores, nas avaliações e extrapola em muito o tempo estimulado para a realização das atividades. Apesar de apresentar todas essas questões, o estudante sempre obtém desempenho escolar satisfatório. Diante dos excelentes resultados, os professores desacreditam que o estudante de fato enfrente alguma dificuldade na compreensão e abstração dos conteúdos. Diante da situação narrada, se faz relevante reafirmar a importância da atuação do psicólogo escolar, que em momentos como esse será responsável por favorecer a circulação de um discurso não alienado, livre de paradigmas e dogmas que legitimam a não influência de conteúdos tangenciais à vida escolar do aluno em seu desempenho.

Osório e Pascoal do Valle, 2009 consideram que apesar de ainda não se ter informações definitivas sobre o prognóstico da doença da genitora de Yuri, é claramente notado na família uma preocupação com a possibilidade de perda eminente. Esse quadro somado às experiências de perdas anteriores tem caudado grande impacto gerando um sentimento intenso de impotência frente ao sofrimento inevitável. O processo de luto antecipatório tem início desde o momento em que se percebe a morte como inevitável, a partir do diagnóstico confirmado, envolvendo angústia e dor da separação, que se manifestam através de reações emocionais diversas por parte de qualquer um dos familiares que podem vivenciar fases como depressão, raiva, desorganização e reorganização. É uma reação adaptativa que possibilita a antecipação do desligamento afetivo entre eles, facilitando o luto após a morte efetiva

Considerações Finais

Este estudo obteve como foco transcorrer sobre a relação entre o luto, luto antecipado e o desempenho escolar de um discente da Educação Básica de uma instituição privada de ensino.

Muito embora, até a finalização deste artigo, a intervenção no caso não tenha se concluído, vez que se constitui por um processo longo e de gradativa evolução, é permitido considerar claramente a influência de aspectos tangenciais à vida escolar do estudante no que diz respeito ao seu rendimento pedagógico. É relevante ressaltar que tal rendimento pedagógico não se constitui somente e tão somente por obtenção de excelentes notas em atividades avaliativas, mas sim no proceder do estudante em suas dimensões relacionais dentro da instituição de ensino, a forma como estabelece conexões e nexos afetivos congruentes e o lugar que assume em determinado grupo que esteja eventualmente inserido.

Yuri, por estar frente ao possível e eminente óbito de sua genitora, encontrava-se envolto a uma situação extremamente depreciativa. Tal contexto contribuiu para a manifestação de comportamentos que, uma vez negligenciados e em plena evolução, poderiam ocasionar, inclusive, um atraso ou fracasso em escolar.

Fernandez, 1990 divide os determinantes que influenciam as dificuldades na aprendizagem em duas vertentes, sendo a primeira relacionada à estrutura educacional (agentes institucionais, relações interpessoais) e a segunda no que diz respeito às causas internas do sujeito ou vivência de problemas familiares. É nesta segunda esfera que há o encaixe do caso em estudo, vez que, o aluno em plenas capacidades cognitivas, tem seu comportamento e rendimento alterado frente a situações alheias à escola.

Em suma, as considerações realizadas acerca de casos em que há um decréscimo educacional relevante por parte dos agentes da escola sejam estes partes dos corpos discente ou docente, são de extrema relevância por legitimar a importância da elaboração de estudos relacionados a fenômenos manifestos na vida escolar enquanto parte imprescindível do desenvolvimento biopsicossocial do sujeito.

Referências

ANTUNES, M. A. M. **Psicologia Escolar e Educação: Histórias, Compromissos e Perspectivas**. Psicol. Esc. Educ. (Impr.) vol.12 no.2 Campinas Dec. 2008

BOWLBY. J. **Formação e Rompimento dos Laços Afetivos**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DOMINGOS, B., MALUF, M. R. **Experiências de Perda e de Luto em Escolares de 13 a 18 Anos. Psicologia: Reflexão e Crítica**, 16(3), pp. 577-589. 2003.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

FONSECA, J. P. **Luto Antecipatório**. Campinas: Editora Livro Pleno, 2004.

GIACOMIN, K. C., SANTOS, W. J, FIRMO, J. O. A. **O luto Antecipado Diante da Consciência da Finitude: A Vida Entre os Medos de Não Dar Conta, de Dar Trabalho e de Morrer**. Ciênc. saúde coletiva vol.18 no. 09. Rio de Janeiro. Sept. 2013

MAHONEY, A. A., ALMEIDA, L. R *et tal*. Henri Wallon – **Psicologia e Educação**. 6ª Ed. São Paulo: Editora Edições Loyola, 2006.

OSÓRIO, L. C., PASCOAL DO VALLE, M. E. (org.) **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.